



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

## **ANÁLISE DA OBRA OITOCENTISTA *ÚRSULA* SOB A PERSPECTIVA DAS CATEGORIAS GÊNERO E RAÇA**

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar, sob a perspectiva das categorias gênero e raça, o romance *Úrsula*, primeira obra brasileira escrita por uma mulher negra e que possui caráter abolicionista, a fim de mostrar os papéis sociais e as realidades vividas pelas mulheres e pelos negros no período oitocentista. Para isso, fundamentamos o nosso estudo em Emília Viotti da Costa (1999), Mary Del Priore e Renato Venancio (2016) e Valentim Facioli (2001), como referências para a compreensão do período histórico e do estilo literário ao qual a obra de Maria Firmina dos Reis está integrada.

**Palavras-chave:** Literatura Brasileira. Estudos Étnico-raciais. Estudos de Gênero. *Úrsula*.

**Abstract:** This article aims to analyze, from the perspective of the categories of gender and race analysis, the novel *Úrsula*, the first Brazilian work written by a black woman and which has an abolitionist character, in order to show the social roles and realities experienced by women and by blacks in the 19th century. For this, we base our study on Emília Viotti da Costa (1999), Mary Del Priore and Renato Venancio (2016) and Valentim Facioli (2001), as references for understanding the historical period and the literary style to which Maria's work Firmina dos Reis is integrated.

**Keywords:** Brazilian Literature. Ethnic-racial studies. Gender Studies. *Ursula*.

[...] Toda história é contemporânea: tem um compromisso com o presente, ou seja, interroga o passado tomando como referência para questões que fazem parte de nossa vida.

(Carla Pinsky)

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo visa analisar a obra datada 1859 de Maria Firmina dos Reis, *Úrsula*, sob as perspectivas de gênero e raça. Posto isso, objetiva-se reconhecer as representações e estereótipos femininos e negros presentes no romance, de modo



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

que se compreenda a construção de personagens negras e de gênero feminino na dimensão do tempo e do espaço em que estão inseridas, localizando circunstâncias em que a historicidade das personagens exponha elementos políticos, sociais e econômicos da época retratada.

Sendo assim, como pesquisa bibliográfica, adotou-se como metodologia uma revisão literária com análise de conteúdo utilizando as categorias de gênero e raça, para analisar situações, personagens e fatos descritos na obra.

O seguinte estudo procura valorizar e compreender o primeiro romance de caráter abolicionista escrito por uma mulher negra e liberal no período imperial e escravocrata. Desta maneira, espera-se que o artigo possa contribuir para a construção uma visão de mundo mais ampla e crítica, a fim de desconstruir a ignorância sobre a historicidade dos fatos e o preconceito existentes.

Posto isso, o texto divide-se em três partes, a primeira, visando retratar um pouco do contexto histórico social e literário, trazendo uma breve biografia da autora; a segunda, resumindo a obra *Úrsula* de modo a se analisar as representações negras e femininas, e a terceira, fazendo um paralelo com a sociedade atual, a fim de mostrar que a historicidade influencia a contemporaneidade.

## **UMA ROMANCISTA NO SÉCULO XIX**

O século XIX é marcado, na história da literatura brasileira, pelo romantismo que emerge em 1836 com a publicação da obra *Suspiros poéticos e saudades*, conforme Facioli (2001). Nesse período, as relações políticas dos anos anteriores à independência brasileira revelaram as disputas de interesses entre a metrópole e os colonos. Enquanto Portugal impunha uma série de medidas restritivas à circulação



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

de pessoas entre as províncias e limitava o comércio à exportação, os produtores e comerciantes locais sentiam-se prejudicados em relação aos seus interesses.

De acordo com Viotti (1999), alguns grupos de colonos que, em princípio, se consideravam “portugueses do Brasil”, começaram a perceber contradições entre os seus interesses e os imperativos da metrópole, suscitando a necessidade de libertarem-se do domínio colonial. Esses conflitos impulsionaram a ideia anticolonialista e crítica ao poder indiscriminado dos reis, reivindicando o direito dos povos a se desenvolverem livremente. Nesse contexto, princípios revolucionários, espalhados na Europa durante o século XVIII, começaram a se difundir também no Brasil, entre os que vislumbravam sua emancipação.

Portanto, a Independência do país tornava-se inevitável, segundo Facioli (2001), é logo após a Independência e durante as regências que antecedem o reinado de D. Pedro II que surge o romantismo, responsável por “fundar” o país, em termos artísticos.

Por isso, nesse período inicial, o romantismo se identifica com o projeto nacionalista de “fundação de país” através da fundação de uma literatura propriamente brasileira. [...] Assim, nossos escritores românticos sentiam-se como vivendo uma importante missão, a de demonstrar, também, através da literatura, que o Brasil era um país civilizado e evoluído, à altura de ser comparado com os da Europa (FACIOLI, 2001, p. 5).

Isso significa dizer que as produções literárias no período oitocentista estavam atreladas a criação de uma cultura, que demonstraria um país tão desenvolvido intelectualmente quanto os países europeus. Sendo assim, Facioli (2001) explica que, a partir dessa preocupação, também surgiram no Brasil museus, centros de estudos geográficos, teatro, etc., a fim de compor uma historiografia nacional.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Portanto, as maiores características do romance eram a exaltação da natureza e do povo brasileiro, bem como dos costumes patriarcais e as qualidades femininas, como afirma (FACIOLI, 2001, p. 6):

Para tanto, a poesia, o romance e o teatro procuraram “revelar” os vários e diferentes aspectos do país e do homem brasileiro: os sentimentos de amor à pátria, de grandeza do território brasileiro, de beleza e majestade da natureza, de igualdade de todos os habitantes do país, da benevolência e hospitalidade do povo, das grandes virtudes dos nossos costumes patriarcais, das incomuns qualidades afetivas e morais da mulher brasileira, do alto padrão da nossa civilização e da nossa privilegiada paz social.

No entanto, o romance brasileiro não se mantém estável, passando por três gerações. Dentre elas, a segunda geração, denominada de ultrarromântica, a qual Maria Firmina dos Reis cronologicamente estaria associada, ainda que autora de prosa. Alfredo Bosi (1975) relata como sendo grandes características do ultrarromantismo: o extremo subjetivismo, carregado das temáticas de amor e morte, a melancolia, o tédio, a depressão e o fechamento do indivíduo em si mesmo.

Em consonância com o teórico, Facioli (2001, p. 10) acrescenta que “aparecem também nessa geração algumas ideias mais liberais, e há um aprofundamento da pesquisa lírica da linguagem literária e da estrutura dos poemas”, o que é perceptível na obra de Maria Firmina dos Reis, pois, ainda que esteja em prosa, a linguagem possui lírica, um sentimentalismo exacerbado e uma grande defesa a liberdade, que se apresentam em outras obras da autora, como na própria canção abolicionista que compôs, *Hino da libertação dos escravos*, de 1888 (PINTO, 2018).

Assim sendo, Maria Firmina dos Reis, como mulher negra e com os ideais liberais, que começavam a surgir na sociedade escravocrata da época (ROSA, 2020), não só inaugura a produção literária feminina, como se torna pioneira e maior



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

símbolo da literatura abolicionista, “que expunha os horrores da escravidão sem transferir para as costas dos escravos e escravas todos os males das sociedades escravistas” (MACHADO, 2019, p. 94).

A produção literária da autora em muito reflete sua história de vida, pois, na introspecção dos personagens, vagando por suas miseráveis vidas, a autora expõe bastante de suas angustias, como relata Telles:

Nas anotações de seu caderno, nós a lemos afirmar que ninguém a conhece bem porque não se dá a conhecer. Por detrás dessa figura plácida e acessível havia uma mulher torturada. Conta que quando jovem sonhara um futuro radiante e belo, mas que as ilusões foram se desfazendo e levaram-na à amargura. O meio ambiente, gélido, não respondeu a seus anseios; o amor, considera paixão funesta. O ‘mundo de um espelho impassível, cruel’, desfez sonhos, apagou o ardor da mente, matou a esperança. A vida lhe foi bem penosa e os desejos jamais satisfeitos (TELLES, 2007, p. 412).

Entretanto, Firmina dos Reis experimentou mais do que outras mulheres de sua época, foi professora, escritora, musicista, de maneira autodidata educou-se e aprendeu francês. Foi a única concursada em 1847 para lecionar na instrução primária em São Luís e fundou uma escola mista para pessoas que não tinham condições financeiras de pagar por um ensino (TELLES, 2007). Desta maneira, Maria Firmina dos Reis torna-se um símbolo na luta pela liberdade, porque desafiou toda a conjuntura ao estudar, lecionar e expor suas ideias através da escrita.

Posto isso, é indispensável considerar o contexto social, econômico e político do país ao discutir o enredo da obra *Úrsula*. A maranhense Maria Firmina dos Reis retrata cenas cotidianas do Brasil imperial, construindo personagens e relacionamentos que representam, respectivamente, os papéis sociais de mulheres e homens da sociedade escravocrata e a organização das relações de poder (expressão do patriarcado e da escravidão) que se prenominavam na época. O fio



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

condutor do romance é o conjunto de situações cotidianas de exploração entre brancos e negros escravizados e da desigualdade de gênero, postos pela organização patriarcal da vida pública, social e privada.

O texto aqui analisado ambienta-se em meados do chamado Segundo Reinado, por volta dos anos 1859, data de sua publicação. O contexto econômico de escravidão mercantil, que ainda perdurava no país, mantinha milhares de pessoas negras sob o poder dos Senhores de Engenho. As lutas abolicionistas e as revoltas de homens e mulheres negros e negras escravizados(as) pululavam e ganhavam relevância também nas produções literárias. Reis é considerada a primeira mulher brasileira a escrever um romance e ela usa sua obra para dar voz às mulheres negras que sofreram, entre outras violências, com a comercialização de africanos(as) trazidos para o Brasil.

No livro *Da monarquia à República: Momentos decisivos*, Costa (1999, p. 278) conta que após a independência do país, existiam no Brasil “2.813.351 habitantes livres e 1.147.515 escravos. Estes últimos concentravam-se, principalmente, no nordeste e na Bahia (zonas tradicionalmente açucareiras)”. Além disso, ressalta que entre 1840 e 1850, entraram mais de 30 mil negros por ano no país. Nesse contexto, o Maranhão, onde as histórias da obra analisada se passam - cerca de quarenta anos após a independência - foi uma das regiões a manter mais pessoas sob regime de escravidão.

Assim sendo, os acontecimentos políticos que se deram desde as revoltas no Período Regencial, atreladas às Leis Abolicionistas e às mobilizações de negros escravizados, marcaram a decadência do reinado de Pedro II. A Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, proibiu o tráfico de navios negreiros de chegarem ao Brasil; a Lei do Ventre Livre, de 1871, concedia - sob condições adversas - liberdade aos(as)



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

filhos(as) de mulheres escravas a partir daquele ano e a Lei dos Sexagenários, de 1885, garantia liberdade, também sob condições adversas, aos escravos com mais de sessenta anos. Essas leis foram fundamentais para pressionar a chegada do período republicano.

A estrutura familiar patriarcal constitui outro pilar importante da organização social do império e também aparece como fundante das relações entre personagens de Maria Firmina. Costa (1999) descreve a situação das mulheres brancas e livres, durante o período de urbanização do país, expõe que a posição das mulheres dentro das famílias e na sociedade não mudou muito quando as províncias começaram a se urbanizar:

O fato de viver na cidade não alterava profundamente a segregação em que a mulher de classe alta vivera nas zonas rurais. Não foram raros os viajantes que, passados os meados do século, ainda estranhavam o costume que os brasileiros tinham de segregarem esposas e filhas. Imperava na cidade como no campo uma severa disciplina patriarcal (COSTA, p. 244, 1999).

Nos centros litorâneos e em São Paulo, as mulheres tinham um pouco mais de liberdade, podendo frequentar espaços sociais. É curioso notar que, ainda de acordo com Costa, mulheres de classes inferiores gozavam de maior liberdade e independência para circularem, inclusive eram proclamadas chefes de famílias.

Outro destaque feito por Costa (1999) e que se torna importante para pensar a trajetória de Maria Firmina dos Reis, diz respeito à possibilidade de ascensão social das camadas ligadas à produção literária, as artes e a educação, por exemplo. A possibilidade de ascensão e transgressão da autora pode estar atrelada aos seus vínculos de parentesco, já que a mãe de Reis era uma mulher alforriada e seu pai um homem de posses. João Pedro Esteves, o pai, aparece em alguns registros, como



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

sendo sócio do antigo dono e senhor de Leonor Filipa, a mãe de Reis. Além disso, a literata tinha como padrinho um capitão de milícias (CRUZ, MATOS e SILVA, 2018, p. 158). Costa (1999, p. 248) afirma que

Ao lado do artesanato e do comércio, as letras, as artes, a burocracia e a política constituíram veículos de ascensão social. Esse mecanismo se processou, no entanto, dentro dos quadros de um sistema de clientela que permitiu ao mulato inteligente, em geral filho ilegítimo de algum branco bem situado, ascender na escala social, patrocinado por seu pai ou seu padrinho... [...] no entanto, estes constituíram honrosas exceções, usualmente citados como exemplos de mobilidade social do negro no Brasil, mas representando, de fato, uma minoria ínfima da população negra ou mestiça.

Considerando essas condições sociais de existência da mulher, da mulher negra escravizada, do negro escravizado e da mulher pobre, é que analisaremos as histórias das personagens presentes na obra *Úrsula*. São muitos os(as) negros(as) e as mulheres que, sem dúvida, mostram-nos através de seus papéis as estruturas de dominação e opressão do Brasil Império. Ajudam, com isso, na possibilidade da leitura e do entendimento das organizações das relações sociais contemporâneas.

## **RAÇA E GÊNERO NA OBRA ÚRSULA**

A obra *Úrsula*, retrata a história de um casal composto por duas pessoas brancas – Úrsula e Tancredo –, todavia, o destaque se dá a partir da existência de personagens escravizados que, apesar de serem secundários, são indispensáveis para o enredo, pois relatam a vida no período escravagista a partir de suas falas e ações.





**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Para se compreender a racialização presente no romance de Maria Firmina dos Reis, é necessária a retomada ao passado, um pouco antes do período imperial, quando o tráfico de negros torna-se uma prática comum e viável aos senhores.

Assim sendo, Priore e Venancio (2016) explicam que no período colonial a mão de obra escrava era explorada para os trabalhos nos engenhos de cana de açúcar, de modo que os senhores de engenho se apropriavam dos indígenas e posteriormente passaram a explorar os africanos. De acordo com os autores:

A escravidão de negros em associação com engenhos de açúcar era comum. Intensificou-se ao longo dos séculos XVI e XVII, graças ao tráfico para o Brasil. [...] a porcentagem de escravos índios envolvidos na produção do açúcar foi, por outro lado, baixando à medida que os senhores enriqueciam e podiam importar africanos (PRIORE; VENANCIO, 2016, p. 51).

Dito isso, o que diferencia a obra *Úrsula* das demais obras abolicionistas, é que a autora dá voz aos escravizados, ou seja, deixa que eles contem as suas histórias, as suas dores e temores. Assim sendo, Preta Suzana, uma personagem da obra, em um diálogo com um escravo liberto relata como foi difícil a sua vinda para o Brasil, como se deu a exploração, os tratamentos e o afastamento de sua família. Como se pode observar em sua fala:

[...] E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar! (REIS, 2018, p. 115).



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Suzana expressa sua insatisfação com a vida, compartilha com seu amigo Túlio seus infortúnios, lamentações, expressa sua saudade e seu apressamento pela liberdade. Em seu país, ela era mãe, esposa, amava e era amada, gozava da liberdade que possuía e conta que muito aproveitou enquanto era livre. Deste modo, a preta Suzana chega a desejar a própria morte e lamenta não ter tido a “sorte” de vir a óbito.

Conforme Ribeiro (2006, p. 106), “uma morte prematura numa tentativa de fuga era melhor, quem sabe, que a vida do escravo trazido de tão longe para cair no inferno da existência mais penosa”.

Em seu testemunho, a escravizada continua a narrar a sua triste história e comenta ainda não entender como alguém pode ser tão rude e cruel com outros seres humanos, já que, em sua visão, todos são iguais.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se leva para recreio dos potentados da Europa. Davam-se a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos! (REIS, 2018, p. 116).

As falas e trajetórias de Preta Suzana, Túlio e Antero, não só diferenciam a obra, como a tornam abolicionista. Ao contrário dos romances de mesmo caráter que surgem posteriormente como *A Escrava Isaura*, 1875 de Bernardo Guimarães, *Úrsula* não precisa de um personagem caracterizado como abolicionista, pois o



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

próprio enredo e os acontecimentos entre as personagens principais e secundárias classifica o romance como tal.

Os personagens escravizados representam na obra de Maria Firmina a própria história da escravidão no país, pois em diversos momentos a autora relata os diferentes modos como os escravos eram tratados, desde a crueldade dos senhores de engenho para com eles, até as preocupações e cuidados da senhora para com os pobres escravizados. Em sua conversa com Túlio, Preta Suzana fala sobre a história de Luísa B e seu casamento e relata o quão mal eram tratados seus irmãos.

...Seu marido era um homem mau, e eu suportei em silêncio o peso do seu rigor. E ela chorava, porque doía-lhe na alma a dureza de seu esposo para com os míseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e outros instrumentos de sua malvadeza, ou então nas prisões onde os sepultavam vivos, onde, carregados de ferros, como malévolos assassinos, acabavam a existência, amaldiçoando a escravidão; e quantas vezes aos mesmos céus!... (REIS, 2018, p. 117).

Em outro momento, Reis narra a ação do comendador Fernando P., descrito como um homem estúpido e orgulhoso, que querendo conversar com o Padre, chama seus escravos e lhe dá ordens, de modo que humilha dois escravizados chamando-os de animais e exigindo um novo cavalo selado para ir ao encontro do padre.

Os míseros escravos geram de ódio e de dor; mas nem a mais leve exprobração, nem um sinal de justa indignação se lhes pintou no rosto. Eram escravos, estavam sujeitos aos caprichos de seu bárbaro senhor (REIS, 2018, p. 166).

Ribeiro (2006) afirma que a sociedade escravista era fundada na apropriação de pessoas e na violência contra seres humanos com práticas que possuem como fim



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

a desumanização e o apagamento cultural, pois “submetido [...], qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga” (RIBEIRO, 2006, p. 106).

Destarte, Maria Firmina, a fim de humanizar as pessoas escravizadas, retrata os sentimentos – bons e maus – presente em cada um dos escravos que compõem a obra, os que possuem falas ou os que são rapidamente mencionados, que vistos e tratados apenas como mercadorias, possuem no romance *Úrsula*, um espaço singular, em que reflete o amor, o ódio, a saudade, a dor, a felicidade que qualquer ser humano é capaz de sentir.

Apesar de relatar com a maior veracidade possível o modo cruel como os escravizados eram tratados no período oitocentista, através das ações do Comendador Fernando P. e pelo esposo de Luísa B., Paulo B., Reis narra sobre a bondade com qual Úrsula e Luísa tratavam esses povos.

Em alguns trechos da obra, Reis expressa a preocupação de Tancredo e Úrsula para com Túlio e Suzana, pensando nos males que o vilão poderia causar aos pobres negros, que bem tratados por eles e pela Dona Luísa, carregavam consigo grande gratidão, que é revelada nas falas de Túlio e Suzana. A escravizada conta que após a morte de Paulo B, as sinhás tentaram fazê-los esquecer de toda maldade praticada pelo Senhor Paulo e completa: “Túlio, meu filho, eu as amo de todo o coração, e lhes agradeço, mas a dor que tenho no coração, só a morte poderá apagar!” (REIS, 2018, p. 117).

Apesar de toda gratidão, a dor propiciada pelos males da escravidão não poderia ser facilmente apagada, por mais bem tratados ou cuidados, o que outrora sofrera Suzana e a sua saudade de casa sempre permaneceria em sua memória.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Nessa mesma conversa protagonizada pelos dois negros, Túlio revela que irá embora, não por ingratidão às sinhás, mas porque havia conseguido a alforria, concedida por Tancredo como forma de agradecê-lo por ter salvado sua vida em ato narrado por Maria Firmina no início da obra. Livre, ele explica que tem profunda gratidão à Luísa, mas maior é sua gratidão ao mancebo que o libertou.

A senhora Luísa B. foi para mim boa e carinhosa, o céu lhe pague o bem que me fez, que eu nunca me esquecerei de que poupou-me os mais acerbos desgostos da escravidão, mas quanto ao jovem cavaleiro, é bem diverso o meu sentir; sim, bem diverso. Não troco cativo por cativo, oh não! Troco escravidão por liberdade, por ampla liberdade! Veja, mãe Susana, se deve ter limites a minha gratidão: veja se devo, ou não, acompanhá-lo, se devo, ou não provar-lhe até a morte o meu reconhecimento! (REIS, 2018, p. 113).

Assim, Reis provoca uma reflexão acerca da liberdade, que é complexa e paradoxal, pois a partir do momento que a pessoa é livre, ela poderá, inclusive, escolher não usufruir da liberdade, e assim o faz Túlio, que em prova de gratidão e amizade por Tancredo, escolheu estar ao seu lado pelo resto da vida, cuidando-o e protegendo-o.

Já o intento de reconhecer as representações e estereótipos femininos presentes no romance é de fato uma tarefa instigante, visto que as relações interpessoais e a construção histórico-social das personagens estão estruturadas na dominação de gênero e nas desigualdades fundadas pelo patriarcado. Não se pretende fazer o deslocamento das histórias no tempo e no espaço de forma anacrônica, busca-se um reconhecimento das representações e dos estereótipos femininos considerando a construção das identidades das mulheres e dos homens no período oitocentista.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Assim, Saffioti escreve (2013, p. 241) que as mulheres brancas da época escravocrata contavam com dois requisitos fundamentais para a submissão ao poder patriarcal: não tinham instrução formal e casavam-se tão imaturas, de modo que não tinham sequer como contestar a situação de violência e desigualdade a que eram submetidas.

É possível perceber que as relações e dominações de gênero perpassam quase todos os enredos do texto, ou seja, são presentes em todos os núcleos de personagens, seja dentro da família de Úrsula, em situações do passado de seus pais e na presença do tio. Na família de Tancredo, na relação entre os pais e na chegada de uma prima que, segundo conta o jovem, a certa altura se aproximou da família e desencadeou diversas situações conflituosas.

Deste modo, algumas passagens foram destacadas, para iniciar, no núcleo familiar de Tancredo, chama atenção a descrição que é feita do pai e a posição que este ocupava perante a esposa e o filho. O poder exercido pelo pai foi comparado ao poder de um déspota. Tancredo conta que desde a infância o patriarca tem comportamentos violentos em relação à mãe e revela-se revoltado com a situação, conforme Reis (2018, p. 39-40)

[...] Não sei por quê; mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura. [...] Quantas vezes na infância, malgrado meu, testemunhei cenas dolorosas que magoavam, e de louca prepotência, que revoltavam! E meu coração alvoroçava-se nessas ocasiões apesar das prudentes admoestações de minha pobre mãe. É que as lágrimas da infeliz, e os desgostos que a minavam, tocavam o fundo da minha alma.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Em outro momento, Tancredo narra que foi proibido por seu pai de visitar a mãe ao longo de seis anos, tempo em que estudava Direito em São Paulo, a fim de que ela sofresse com a ausência do seu filho.

A mãe de Tancredo também expõe os sentimentos em relação ao marido. Na situação destacada, a mulher implora a permissão para que ocorra o casamento entre o filho e Adelaide e recebe a negativa de forma humilhante. Nota-se na reclamação a descrição do desprezo, desamor e pesares contínuos na relação entre o casal

Que vos hei feito para merecer tanta dureza da vossa parte? Que vos há feito meu filho para vos opordes a sua felicidade?! Oh! Quanto sois implacável em odiar-me... Sim, a lealdade e o amor de uma esposa, que sempre vos acatou, merecem-vos tão prolongado, desabrido e maligno tratamento?! Perdoai-me... Mas tanto tenho sofrido; tantas lágrimas me têm sulcado o rosto desfeito pelos pesares; tanta dor me tem amargurado a alma, que estas palavras, nascidas do íntimo do peito, pungentes, como toda a minha existência, não vos podem ofender. Arranca-as, senhor, dos abismos da minha alma a agonia lenta, que nela tem gerado o desprezo e o desamor com que me tendes tratado! [...] (REIS, 2018, p.43)

Contudo, ainda que demonstre o descontentamento, a mãe de Tancredo é firme ao transmitir para o filho a ideia de que o pai deve ter suas vontades acatadas. Não se pode negar que tal concepção foi a ela transmitida, seja no seio familiar ou no ambiente religioso e torna a reproduzir para o filho. No diálogo Tancredo conta que a mãe o implora para não trazer sobre ele a ira do pai, pois “Deus não protege a quem se opõe a vontade paterna” (Reis, 2018 p. 42). Nesse sentido, Saffioti afirma

O que era universal na sociedade escravocrata brasileira, quer a mulher desempenhasse papeis úteis, quer levasse ida ociosa, era aceitação, por parte do elemento feminino, da completa supremacia do homem sobre a mulher no grupo familiar e na sociedade em geral. Todo o processo de



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

socialização da mulher encaminhava-a para essa submissão. (2013, p. 246)

Outra personagem envolvida no enredo familiar de Tancredo é Adelaide. Uma jovem prima, órfã de pai e mãe. Foi pela vontade de se casar com a moça que Tancredo aceitou ficar longe da família durante um ano, condição imposta pelo pai, para haver o matrimônio. O mancebo caiu em desgraça ao retornar, pois além de tomar conhecimento sobre a morte da mãe, soube do casamento de seu pai com Adelaide, casamento este que, segundo suposições do jovem, foi também razão da morte de sua mãe.

Há um trecho em que o pai de Tancredo diz ao filho qual seria o papel da esposa ideal, ao explicar o porquê de Adelaide não ser a esposa adequada, justifica que sua pouca idade refletirá uma má educação para os filhos do casal e possivelmente causará um desgosto no casamento.

A esposa que tomamos é a companheira eterna dos nossos dias. Com ela repartimos as nossas dores, ou os prazeres que nos afagam a vida. Se é ela virtuosa, nossos filhos crescem abençoados pelo céu; porque é ela que lhes dá a primeira educação, as primeiras ideias de moral; é ela enfim que lhes forma o coração, e os mete na carreira da vida com um passo, que a virtude marca. Mas, se pelo contrário, sua educação abandonada torna-a uma mulher sem alma, inconsequente, leviana, estúpida ou impertinente, então do paraíso das nossas sonhadas venturas despenhamo-nos num abismo de eterno desgosto. O sorriso foge-nos dos lábios, a alegria do coração, o sono das noites, e a amargura nos entra na alma e nos tortura. Amaldiçoamos sem cessar essa mulher que adorávamos prostrados; porque se nos figura agora o anjo perseguidor dos nossos dias. Vês, meu filho, – continuou – Adelaide é apenas uma criança; é tão nova... Tão pouco conheces suas qualidades (REIS, 2018, p. 47)

Noutro momento o pai volta a julgar a postura e reação de uma mulher ao atacar a esposa, dessa vez pela fragilidade demonstrada pelo choro. Diz que o choro é condição de mulheres fracas e que nem sempre o filho leva em consideração.





**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Outra figura masculina que representa relações de poder foi o pai de Úrsula, Paulo B., que de acordo com Luísa B. desgraçou o casamento dos dois

Paulo B. não soube compreender a grandeza de meu amor, cumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões. (REIS, 2018, p. 62).

Por fim, discutir-se-á alguns aspectos das relações de gênero em que se insere a principal personagem, Úrsula. No trecho a seguir, há um diálogo entre Luísa B. e Tancredo. Nele está expresso a diferença social entre as famílias envolvidas. Há também a esperança de redenção e de felicidade da mulher condicionada ao casamento, vê-se tal construção na fala de Luísa B.

Perdoai, senhor, se não tenho bastante confiança em vós. Bem vedes a que estado me vejo reduzida... e eu nunca aspirei à mão de um homem como vós para minha filha. Tancredo de \*\*\*, quem vos não conhece? Sois grande, sois rico, sois respeitado; [...] Oh! Senhor, – tornou Luísa – minha filha é uma pobre órfã, que só tem a seu favor a inocência, e a pureza de sua alma. (REIS, 2018, p. 66)

– Ânimo! Minha querida filha, não chores: os meus sofrimentos vão já acabar. Sinto aproximar-me da sepultura! Mas Deus me há de permitir ainda ver-te feliz. Sim, feliz! Porque Tancredo te há de dar a ventura, que tanto hei pedido ao céu para a minha Úrsula. (REIS, 2018, p. 82)

O papel social da mulher, limitado ao ambiente privado do lar e do casamento, coloca a necessidade da constituição familiar como um princípio para não padecer na infelicidade, mostra também a falta de espaço para um crescimento econômico ou profissional. Saffioti (2013 p. 243) comenta que “o casamento representava praticamente a única carreira aberta às mulheres”.

Há preocupação da mãe com o fato de que Úrsula não corresponde economicamente à posição do amado e isso pode impedir o relacionamento entre os



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

dois, tal condição é naturalizada na época e se estende até hoje entre as famílias brasileiras. Saffioti (2013) ainda aponta que mulheres brancas de famílias pobres e sem herança, caso não conseguissem um casamento, deveriam recorrer ao comércio do próprio corpo, portanto justifica-se, assim, a preocupação de Luísa B. com o futuro matrimonial de Úrsula.

Úrsula é uma jovem representante da mulher branca na sociedade imperial escravocrata, dessa forma, não se pode deslocar a personagem do seu espaço e de seu tempo, para não correr o risco de interpretar algumas situações entre ela e Tancredo, como sendo parte do que consideramos hoje como um relacionamento abusivo. Considerando o contexto e a própria característica do Romantismo expresso nas palavras de Reis, tal proposta não seria coerente com o objetivo deste trabalho.

Há uma passagem, na declaração de amor entre os jovens apaixonados, em que Tancredo diz a Úrsula “se me recusardes essa ventura [a do casamento], a única que almejo, a minha vida tornar-se-á um prolongado martírio, e quem sabe se a poderei suportar!?” (REIS, 2018, p. 36). Diálogos e declarações como essa, vindas de Tancredo, se repetem ao longo da história e apesar do sentimento ser correspondido e recíproco, a insistência do jovem em conquistar Úrsula pode parecer exagerada. No entanto, contrasta, em muito, com a relação estabelecida pelo tio da jovem. Num dado momento, o comendador Fernando P., sem ao menos se apresentar para a sobrinha, cercando-a na mata, declara seu amor repentino, impondo medo e repulsa em Úrsula

- [...] Se for permitido agora saber quem sois. O vosso nome?



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

— O meu nome! – exclamou tristemente o caçador deixando cair as mãos da moça. – Se o conhecêsseis!... Não, Úrsula, eu quero ser amado, ainda mesmo desconhecido. (REIS, 2018, p. 79)

— Mas, senhor, – interrompeu ela impacientando-se – que pretendeis?  
— São loucas as minhas pretensões, senhora, sim, loucas; porque se me animasse a confiar-vo-las, o vosso desprezo ia talvez esmagar-me. Permiti que me conserve em silêncio, que nada tem ele de ofensivo para vós.  
— Pois bem, – disse ela – guardai-o muito embora; mas deixe-me em nome do céu.  
— Deixar-vos?!... Oh! Não, mil vezes não! E cedendo a um excesso de apaixonada loucura, ou de amoroso delírio, curvou-se ante Úrsula, pálida de aflitiva angústia e de antipático horror. (REIS, 2018, p.78)

Considera-se também outro momento que caracteriza a aversão da sobrinha com o tio, quando, durante um diálogo com a mãe, chorando, Úrsula revela que sente horror e pressente que o tio ainda pode ser “funesto” (REIS, 2018, p. 64) para com ela.

No seguimento do enredo, as relações se tornam mais complexas, principalmente quanto ao papel empenhado por Fernando P., um homem que quando jovem interferiu e causou danos à vida privada e particular da irmã, no juízo de que esta não poderia seguir os próprios passos e casar com o homem que desejasse, matou o cunhado e repetiu o feito com a sobrinha, de forma ainda mais cruel, matando também seu pretendente, Tancredo. O poder patriarcal é personificado pelo personagem que, emprega toda a violência e abusa de poder na condição de homem e, como “chefe” não abre mão de controlar a família.

Fernando revolta-se ao tomar conta de que pode ser recusado por Úrsula e em nome de realizar seus desejos é capaz de ameaçar a sobrinha e depreciar sua postura enquanto mulher

– Mulher! Anjo ou demônio! Tu, a filha de minha irmã! Úrsula, para que te vi eu? Mulher, para que te amei?!... Muito ódio tive ao homem que foi teu



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
 Faculdade Frassinetti do Recife

pai: ele caiu às minhas mãos, e o meu ódio não ficou satisfeito. Odiei-lhe as cinzas; sim odiei-as até hoje; mas triunfaste do meu coração; confesso-me vencido, amo-te! Humilhei-me ante uma criança, que desdenhou-me e parece detestar-me! Hás de amar-me. [...] – Mulher altiva, hás de pertencer-me ou então o inferno, a desesperação, a morte serão o resultado da intensa paixão que ateaste em meu peito (REIS, 2018, p.80).

É interessante perceber o termo *mulher altiva* empregado por Fernando P. para se referir a Úrsula. Pesquisando o antônimo da palavra encontra-se a oposta *submissão*. O homem julga arrogante, insubmissa e soberba sua jovem sobrinha que nunca o conhecera pessoalmente, o teme pelo histórico de sofrimento causado à família e, em abordagem forçosa e inconveniente, declama seu amor de forma ameaçadora. Esse é o retrato do poder patriarcal que se pretende dominador no seio familiar.

Noutra passagem, Maria Firmina reafirma a postura e a conduta deste homem, carregada por um poder ilimitado e descontrolado, e narra que “Úrsula podia deixar de aceitá-lo [Fernando P.] por tutor, e, ainda aceitando-o, recusar-se energicamente a ser sua esposa. O comendador estava afeito a mandar e por isso julgava que todos eram seus súditos ou seus escravos.” (REIS, 2018, p. 105).

Percebe-se diante de todas essas passagens que a construção das relações patriarcais que se instituíram no país já nos períodos colonial e imperial, perpassa de forma complexa toda a dinâmica familiar e de tomada de consciência de si.

Os homens da história, principalmente o pai de Tancredo e o comendador Fernando P., tio de Úrsula, são chefes de família imperativos e sem reservas na imposição de suas vontades. Há que se controlar a tudo e todas distribuindo insultos, abusando da violência e da coerção. As mulheres, a mãe de Tancredo e Luísa B., mãe de Úrsula, por sua vez, dominadas também pelas imposições patriarcais, ainda que se reconheçam em uma situação de violência e abusos, não encontram maneira de



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

se retirarem de tais situações. Assim sendo, Saffioti (2013, p. 251) explica que “esse rígido sistema de constrangimento físico e moral do elemento feminino, marcou profundamente a vida e a mentalidade da mulher brasileira”.

### **CONTEMPORANEIDADE NA OBRA *ÚRSULA***

Quando Maria Firmina dos Reis escreveu o romance *Úrsula*, sob o pseudônimo de A Maranhense, ela sabia o impacto negativo que uma obra escrita por uma mulher negra teria à época, de modo que duvida, inclusive, de sua capacidade como autora, escrevendo o seguinte em seu prólogo: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume” (REIS, 2018, p. 33).

Entretanto, a autora não poderia prever que, décadas depois, seu romance teria grande importância e impacto para os estudos literários e decoloniais, pois a obra retrata vidas negras em um período histórico escravista sob uma perspectiva diferente das narradas em outras obras literárias.

A literatura clássica, em consonância com a história do país, é capaz de trazer novas perspectivas acerca da sociedade contemporânea, porque expõe em forma de ficção acontecimentos comuns na época em que é narrada e, de acordo com Priore e Venancio (2016, p. 8), “é o conhecimento histórico que permite nos posicionar como cidadãos e pensar com ideias próprias, como membros de uma sociedade que quer participar do processo de globalização, aportando algo seu”.

Nessa perspectiva é que se faz necessária a leitura de obras escritas por intelectuais negros (as), como o romance escrito por Maria Firmina dos Reis, que revela a história por parte de quem a viveu, sentiu e viu os horrores da escravidão e do patriarcado de perto, possibilitando a criticidade na leitura de mundo.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

Conforme Ribeiro (2019, p. 65):

O privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram.

Assim, fica claro que a sociedade sempre privilegiou a história narrada pelos homens brancos em detrimento de tudo que sofriam os povos escravizados, que nem sequer tiveram a possibilidade de revelar o que sentiam e viviam, e as mulheres. Algo que Maria Firmina dos Reis opta em fazer na obra *Úrsula*, para influenciar na abolição da escravatura, bem como possibilitar uma análise da sociedade de outros tempos, mas com implicações na atualidade.

Destarte, a leitura de *Úrsula* na contemporaneidade proporciona o entendimento acerca do racismo estrutural, que se revela na sociedade brasileira, por conta dos mais de 300 anos de escravidão no país que marginalizou e submeteu os negros a condições precárias. Deste modo, por não terem as mesmas condições de estudo e trabalho que foram dadas aos brancos, os povos africanos e afro-brasileiros foram expostos ao racismo que reverbera até os dias de hoje, estando enraizado na cultura brasileira. Segundo Santos (1983, p. 19 apud. RIBEIRO, 2019, p. 11), “a sociedade escravista, ao transformar o africano, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior”.

Logo, com o apagamento histórico e cultural dos povos não-brancos na formação da história do país, percebe-se que pouco mudou, ao contrário, acabou por possibilitar a criação de estereótipos racistas que necessitam ser combatidos através de novas leituras literárias, que permitam a criação de um novo imaginário



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

popular capaz de analisar criticamente os eventos sociais e respeitar os diferentes seres humanos e as suas respectivas culturas.

No que diz respeito à contemporaneidade das relações entre gêneros, há que se considerar as conquistas que favoreceram as escolhas das mulheres sobre o casamento, a constituição familiar e a inserção no mercado de trabalho, já que, antigamente, o matrimônio era o destino apontado para as mulheres (MILL, 2006).

Nesse sentido é perceptível a mudança na constituição familiar, pois houve uma significativa redução do número de filhos entre os casais, além do potencial crescimento na carreira e da conquista da autonomia financeira pela mulher. Certamente, não se pode desconsiderar as desigualdades no mercado de trabalho, seja entre mulheres e homens, entre mulheres negras e mulheres brancas, que geram, ainda, exploração e violência entre os gêneros (RIBEIRO, 2018).

A obra de Reis nos leva a estabelecer comparações e notar mudanças e permanências nas relações que permeiam as construções de gênero e raça. Se por um lado as mulheres obtiveram espaço no mercado de trabalho e ampliaram as possibilidades para planejarem suas vidas livres da necessidade do casamento, por outro, é visível a sobrecarga que recai sobre a grande maioria das mulheres que trabalham fora e acumulam o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Além disso, existe atualmente o respaldo legal, por exemplo, da Lei Nº 11.340, que cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher (BRASIL, 2006). Pode-se registrar avanços no combate à violência contra as mulheres como descrito na obra de Reis, contudo, o número de mortes de mulheres em situação de violência doméstica ainda é alarmante.

A obra Úrsula revela que a constituição de relações de gênero assimétricas é histórica e que a violência, a submissão e a imposição do poder e da força ainda estão



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

enraizadas na formação social brasileira mesmo após centenas de anos. Por isso é fundamental conhecer e refletir acerca da história com base nos recortes de gênero e raça no Brasil através da literatura. De acordo com Scott (1995, p. 74):

Isso exige uma análise não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presentes. Como o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico? As respostas a essas questões dependem de uma discussão do gênero como categoria analítica.

A discussão e as análises são necessárias para que se possa transpor e superar as condições de opressão e construir a libertação dos sujeitos contemporâneos, que ainda carregam consigo o peso das vivências que se expressam nas relações entre personagens da obra.

## **CONCLUSÃO**

Por meio da análise do romance, foi possível refletir e compreender o texto literário numa perspectiva histórica, como material relevante para o estudo social das relações étnico-raciais e de gênero no Brasil contemporâneo, pois como afirmam Priore e Venancio (2016, p. 8), “vivemos, sim, à sombra de nosso passado. Todavia, voltamos para o futuro. Para nos reconhecemos no concerto das nações, será cada vez mais necessário nos conhecermos melhor”, ou seja, entendermos nosso passado e nossas origens.

Deste modo, entendemos que ser leitor de obras literárias é mais do que se deleitar com a narração, mas é também se questionar diante do que está exposto,





**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

refletir acerca das temáticas trazidas pelos autores e construir um senso crítico, pois a literatura contém em si uma função social.

Sabe-se que os intelectuais abolicionistas foram importantíssimos para que o fim da escravidão se tornasse possível, sendo assim, rememorar e estudar o primeiro romance abolicionista do país escrito por uma mulher negra é tentar compreender um período histórico e vislumbrar a possibilidade de analisar mais precisamente o nosso presente. Pois, “o radicalismo da ação abolicionista – não só por meio das fugas e de manifestações públicas, mas também graças a uma vasta literatura sensível [...] – criou condições para o 13 de Maio de 1888” (PRIORE; VENANCIO, 2016, p. 210).

Assim sendo, a literatura esteve presente nos diferentes acontecimentos históricos revelando práticas sociais, mostrando condições de vida, expondo os papéis de gênero e toda a violência sofrida pelos negros e pelas mulheres ao longo dos anos. E do mesmo modo que a escrita propiciou vitórias no passado, ela deve ser um presente para que se construam novas formas de viver em sociedade.

Dito isso, esperamos ter contribuído de maneira significativa para a formação de uma leitura mais crítica, capaz de possibilitar uma análise social que reverbere em ações respeitadas e sensatas para contribuir com a humanização dos seres, independente de classes, etnias ou gêneros.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRASIL. **LEI nº 11.340**, de 7 de Agosto de 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 18. mai. 2020.

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-27, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. 7. Ed - São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1999.

CRUZ, Mariléia dos Santos; MATOS, Érica de Lima de; SILVA, Ediane Holanda. Exma. Sra. d. Maria Firmina dos Reis, distinta literária maranhense: a notoriedade de uma professora afrodescendente no século XIX. **Notandum 48**. Univ. Autònoma de Barcelona. set-dez, 2018.

FACIOLI, Valentim. Pátria, Natureza e Sentimentos. In: **Poesia brasileira: Romantismo**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2001.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Maria Firmina dos Reis: Escrita Íntima na Construção do Si Mesmo. **Estudos Avançados**. vol. 33. n. 96. São Paulo: Agosto, 2019.

MILL, John Stuart. **A sujeição das mulheres**. São Paulo: Escala, 2006.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. A atualidade de Maria Firmina dos Reis, ou uma escritora negra do seu tempo. In: REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Taverna, 2018.

PRIORE, Mary Del; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2016.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Porto Alegre: Taverna, 2018.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. Companhia das Letras, 2018.

\_\_\_\_\_. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

Revista Educare, João Pessoa, PB, v. 4, n. 1, p. 1-27, jan./jun. 2020.  
Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>>.



**Keyla Patrícia da Silva Macena, Lais Bonamigo, Eliene Amorim de Almeida**  
Faculdade Frassinetti do Recife

ROSA, Soraia Ribeiro Cassimiro. Um Olhar Sobre o Romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. In: **Literafro**. Disponível em <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/29-critica-de-autores-feminios/321-um-olhar-sobre-o-romance-ursula-de-maria-firmina-dos-reis-critica>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. p. 71-99. Jul./Dez., 1995.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.

Recebido em 22 de junho de 2020  
Aprovado em 30 de junho 2020